

# EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO DO TURISMO

Olga Tulik<sup>1</sup>

**RESUMO:** A formação de blocos econômicos, a liberação de fronteiras políticas e ideológicas e os avanços das tecnologias de comunicações, além de outros fatores, vêm contribuindo para fortalecer a globalização da economia. No turismo, efeitos desse processo são cada vez mais sentidos em diferentes setores, principalmente nas empresas aéreas e no caráter transnacional que o tempo compartilhado vem assumindo como modalidade de hospedagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo; globalização; empresas aéreas; tempo compartilhado.

*ABSTRACT: The formation of economic blocks, the liberation of political and ideological boundaries and the improvements in communication technologies, among other factors, has contributed to the strengthen of the economic globalization. In tourism business, the consequences of those processes are being increasingly felt in different sectors, mainly in air companies and in the international feature that time sharing is assuming as hospitality form.*

*KEYWORDS: Tourism globalization; air companies; time sharing.*

## 1 O MUNDO DOS BLOCOS: UMA NOVA CONCEPÇÃO DE FRONTEIRA

O aparecimento dos blocos regionais e sub-regionais no mundo contemporâneo reflete a tendência à integração econômica. Como consequência deste fato, e perante os acordos comerciais, as fronteiras políticas perdem seu significado e, num sentido amplo, se modificam, justificando a idéia de uma nova geografia mundial.

---

1. Doutora em Ciências Humanas. Professora Assistente Doutora do Curso de Turismo da ECA/USP.

End. para corresp.: ECA/USP - Depto. de Relações Públicas, Propaganda e Turismo - Cidade Universitária "Armando Salles Oliveira"- Av. Prof. Lúcio M. Rodrigues, 443, Bloco B - 05508-900 - São Paulo - SP - Brasil - Fax.: (011) 818-4331.

Agora, mais do que nunca, a noção de economia global contrapõe-se ao isolamento. O momento privilegia as associações econômicas que, para se fortalecerem, adotam medidas unificadas objetivando facilitar o trânsito de bens, serviços e, também, de pessoas integrantes de um mesmo bloco.

Esta penetração em territórios até então considerados estrangeiros, em virtude do controle nas fronteiras políticas e ideológicas, ocorre numa velocidade crescente e contribui para alterar as características dos espaços. Tais modificações refletem o deslocamento de pessoas, da produção e do comércio de bens e serviços que será acelerado na razão direta dos investimentos de capitais destinados à melhoria da infra-estrutura de tratamento de transportes e de novas tecnologias de comunicações. As distâncias, assim como ocorre com as fronteiras políticas de blocos economicamente organizados, também perdem o seu real significado, pois os fatos são divulgados e conhecidos num espaço de tempo cada vez menor, graças aos avanços das mencionadas tecnologias.

A organização dos blocos econômicos já repercutiu no Turismo como vem acontecendo, por exemplo, na CEE (Comunidade Econômica Européia) com a adoção de medidas conjuntas quanto ao passaporte unificado para as pessoas dos países membros e ao controle de turistas de outras partes do globo. A questão Brasil-Portugal, com referência à entrada e à permanência de turistas brasileiros em território português, pode ser melhor entendida como uma repercussão destas medidas de conjunto.

Todavia, a liberação de fronteiras aos países membros de um mesmo bloco coloca em evidência a mensuração do receptivo internacional por via terrestre. Isto porque no território abrangido pelos países de um mesmo bloco, a livre circulação de pessoas dificultará a obtenção de dados estatísticos, assim como ocorre hoje com o turismo doméstico. Desta forma, este fluxo só poderá ser medido através de meios indiretos.

A formação dos blocos econômicos, a liberação de fronteiras políticas e ideológicas, os avanços das tecnologias de comunicações, além de outros fatores vêm contribuindo para fortalecer a globalização da economia.

A expansão da economia mundial é um fato que revela tendências de prosseguir neste rumo (Naisbitt, 1994), refletindo-se nos mais variados setores da vida humana que, para acompanhar esse desenvolvimento, deverão adaptar-se a esta nova realidade global.

No turismo, os efeitos da globalização podem ser percebidos, até mesmo nas áreas fragmentadas, à margem deste processo e nas generalidades resultantes de conceitos hoje amplamente admitidos em administração como a qualidade e a competitividade. Mas, principalmente, os efeitos da globalização do turismo são revelados pelos problemas e adaptação das

empresas aéreas e pelo caráter transnacional que o tempo compartilhado vem assumindo em diferentes modalidades de hospedagem.

## 2 À MARGEM DA GLOBALIZAÇÃO

Em contrapartida à idéia de um mundo integrado, vem ocorrendo a fragmentação de territórios pelos mais variados motivos (etnias, religião, nacionalidade, entre outros) gerando conflitos (a maioria dos quais no hemisfério norte)<sup>2</sup> que ameaçam a segurança pessoal e coletiva em algumas áreas e, até mesmo, em alguns blocos economicamente já constituídos.

Em certas áreas, tais conflitos têm prejudicado o turismo, seja no que se refere à segurança individual, seja no que diz respeito à integridade física de bens e equipamentos e à prestação de serviços. A imprensa noticiou que, em apenas um ano, a guerra civil destruiu um dos mais famosos e apreciados balneários no Mar Negro, na extinta União Soviética.

Outro exemplo refere-se aos países onde existem adeptos dos princípios do credo fundamentalista islâmico, que rejeitam idéias importadas, principalmente no tocante aos costumes e padrões de comportamento. Tal prática ocorre no Irã e Turquia e vem se expandindo em outros países como a Jordânia, a Argélia, o Egito e o Sudão. Recentemente, seguindo a estratégia adotada por "militantes fundamentalistas muçulmanos no Egito e na Argélia, o PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) anunciou que passaria a agir também contra a infra-estrutura turística em várias cidades da Turquia com o objetivo de afetar uma das principais fontes de renda do país" (Lima, 1994. G8).

A estes problemas de segurança, somam-se outros que, embora não estejam diretamente relacionados à globalização, afetam o turismo em áreas urbanizadas de grandes cidades como o Rio de Janeiro, Miami e Nova Iorque, por exemplo.

A complexidade desta questão, juntamente com o crescente interesse pelo turismo, levou à criação de grupos de assistência integral para defender os direitos de viajantes, que oferecem até mesmo benefícios adicionais. Proliferam no mundo as companhias de seguro de vida, de assistência médica etc., cujas sedes podem estar a uma razoável distância do país do interessado. Por exemplo, a Associação Internacional dos Direitos dos Viajantes, com matriz em Nova Iorque, atende seus membros em qualquer parte do mundo quanto a prejuízos causados pelos mais diferentes inconvenientes.

---

2. A propósito destes conflitos ver reportagem "O mapa das Guerras" (O mapa... , 1994).

O que dizer, então, das instituições financeiras que operam com cartões de crédito internacional (o chamado “dinheiro de plástico”)?

– É a globalização do turismo transformando o viajante, cada vez mais, num cidadão do mundo.

### 3 EFEITOS GERAIS DA GLOBALIZAÇÃO

Favorecidos pela rapidez das mudanças e pelo dinamismo próprio do turismo, estes efeitos podem ser percebidos por uma série de evidências que fazem parte do cotidiano dos noticiários. Por exemplo, a oferta de novos produtos, cada vez mais selecionados e competitivos quanto à relação preço-qualidade<sup>3</sup>.

No mundo inteiro, proliferam pequenos negócios que se beneficiam com o turismo. Ao mesmo tempo, empresas transnacionais diversificam seu mercado instalando-se nas mais variadas partes do mundo onde exploram a variedade de serviços colocados à disposição do turista. Isto permite que cheques de viagem adquiridos no Brasil, extraviados na Espanha, possam ser reclamados por via telefônica em Londres, onde o atendimento é feito em português, sendo o reembolso efetuado onde o turista se encontra.

A competitividade (que pode ser observada no exterior, mas ainda não ocorre no Brasil) levou à busca de nichos de mercado onde quer que eles se encontrem, já que, de certa maneira, a distância passou a desempenhar um papel secundário. Da mesma forma, a competitividade estimulou a agressividade dos agentes operadores e a utilização de tecnologias avançadas e de sistemas de comercialização altamente sofisticados.

### 4 EMPRESAS AÉREAS: PROBLEMAS E ADAPTAÇÕES À NOVA SITUAÇÃO MUNDIAL

As empresas aéreas registram alguns dos mais notáveis exemplos de efeitos da globalização que interessam ao turismo. A crise generalizada dessas empresas no mundo inteiro exigiu criatividade em estratégias alternativas, como a inauguração de novas linhas, fusões, acordos e parcerias para atender aos grandes mercados internacionais, além da exploração de segmentos diversificados da demanda.

3. O conceito de qualidade, que até alguns anos atrás estava restrito às grandes empresas, hoje constitui uma das preocupações administrativas de empresas de pequeno e médio porte.

A repercussão da crise no Brasil levou à busca das mesmas alternativas. Assim, a Varig (Mação Aérea Riograndense) inaugurou duas linhas para reagir aos prejuízos (São Paulo-Porto Rico e São Paulo-Orlando). Em março de 1994, a imprensa noticiou que a Transbrasil pretendia, para o segundo semestre deste ano, estender seus domínios com a rota para Moscou passando antes por Viena, sendo a primeira companhia brasileira a voar em direção a estes países. (Varig..., 1994: G20)

Conforme Naisbitt (1994), no que se refere ao turismo, parte do transporte no futuro será realizado por um pequeno número de megatransportadoras. Isto não significa, entretanto, que as pequenas companhias deixarão de existir.

No Brasil, empresas de transporte aéreo regional, como a Riosul e a TAM (Transportes Aéreos Marília) acusam crescimento rápido. Assiste-se, também, ao aparecimento de novas companhias como a Taba (Transportes Aéreos da Bacia Amazônica).

Na economia global, as companhias menores deverão operar isoladamente ou associadas a outras, servindo mercados regionais que alimentarão os internacionais (Naisbitt, 1994: 123). Beni (1994: 102) registra alguns destes casos destacando uma rota implantada pela Varig, de grande significado para a interligação do Atlântico Sul com o Sudeste Asiático. Mais uma vez a ordem é a integração através de um sistema de cooperação entre as companhias aéreas.

Destas adaptações podem resultar acordos como o Compartilhamento de Código (“code share”) baseado no princípio de integração de rotas a partir de vôos operados em conjunto, e que podem, também, incluir estratégias de marketing comuns às empresas interessadas (Naisbitt, 1994: 123).

Estes efeitos da globalização já podem ser percebidos em algumas empresas aéreas brasileiras, como é o caso da Varig que firmou acordo com a Delta Airlines envolvendo cooperação comercial nas áreas de cargas e passageiros. Desta maneira, a Varig pode levar seus passageiros em conexões para várias cidades dos Estados Unidos, enquanto a Delta Airlines pode efetuar vendas de passagens e transportar cargas em seu próprio nome, em vôos operados pela Varig, para 44 cidades brasileiras. (Varig, 1994: G20)

O entrelaçamento da rede regional, garantido pelas companhias menores, também pode ser observado no Brasil. A Pantanal (fundada em 1992), por exemplo, opera entre São Paulo e Bahia, Roraima e Campo Grande e espera aumentar a oferta inaugurando novas linhas.

Viajantes de negócios constituem um filão lucrativo para as empresas aéreas (Naisbitt, 1994: 125). Para atendê-los, as companhias procuram instalar equipamentos e oferecer serviços diversificados capazes de atraí-los.

A procura de novos mercados como alternativa para escapar à crise, levou a TAM a concentrar-se no atendimento de executivos inaugurando a linha São Paulo-Porto Alegre com escala em Campinas. O transporte é feito com equipamentos que atendam as expectativas de conforto, segurança e rapidez.

## 5 TEMPO COMPARTILHADO: UMA EMPREENHIMENTO DE CARÁTER TRANSNACIONAL

Este sistema, principalmente com as suas variações e possibilidades decorrentes da globalização da economia, reflete também os avanços das tecnologias de comunicações e, sem dúvida, está interligado com o turismo.

Trata-se de um empreendimento que consiste na aquisição de um título, que garante alojamento durante um determinado período do ano (geralmente uma ou duas semanas) e que pode ser utilizado durante um certo período (25 anos, por exemplo), ou perpetuamente (Martinez, 1989: 25). Em outras palavras, o Tempo Compartilhado (“time sharing”) constitui uma modalidade de hospedagem através da “divisão do preço de compra, manutenção e uso de um imóvel entre diversos compradores” (Román, 1994: G2). Um cronograma pré-estabelecido define o período em que cada co-proprietário poderá utilizar o imóvel.

O sistema de tempo compartilhado surgiu na Europa, nos anos 60, como uma alternativa para a crise imobiliária. Desenvolveu-se com maior rapidez nos Estados Unidos, na década de 70 pelas mesmas razões, e no Canadá. Nestes países o sistema compreende a utilização de grandes complexos localizados em áreas intensamente urbanizadas, assim como acontece, também, no Japão e na Europa (Martinez, 1989: 23-4).

Hoje existe uma grande variedade de complexos de tempo compartilhado, diferenciados conforme a localização geográfica, o funcionamento e as modalidades. Quanto a este último aspecto, participam dos complexos, desde casas, apartamentos e hotéis, até clubes, companhias e outras formas como, por exemplo, “leasing” (Martinez, 1989: 23-4). Na hotelaria o sistema expandiu-se pelo mundo inteiro e, atualmente, conta com a participação de grandes conglomerados como Disney, Marriot, Hilton, entre outros (Román, 1994a: G2).

O sistema de tempo compartilhado surgiu no Brasil, especialmente em São Paulo, e também foi considerado como uma saída para a recente crise do setor imobiliário.

O princípio básico deste sistema consiste em oferecer ao comprador uma possibilidade de alojamentos e serviços adicionais, com critérios ele-

vados de conforto e qualidade, mediante o pagamento de custos que podem ser obrigatórios (como a aquisição do título e a taxa anual de manutenção em sociedades de intercâmbio). Filiando-se a estas Associações de Intercâmbio, o comprador poderá efetuar trocas de local e período. As sociedades criadas para este fim específico apenas prestam serviços de intermediação, além de outros complementares (organização de viagens, aluguel de carros, seguros etc.), o significa dizer que não são proprietárias de complexos de tempo compartilhado. Os serviços oferecidos e os custos diferenciam as associações existentes no mercado.

Funcionam como sociedades de intercâmbio, desde 1973, a Holiday Exchange com sede em Londres e, desde 1979, a RCI (Resort Condominiums Internacional), com matriz estabelecida em Indianápolis (EUA) que, atualmente, é a mais expressiva no mundo (Martinez, 1989: 35).

O Brasil conta com pelo menos duas organizações de tempo compartilhado: a RCI-Brasil, filial da mesma associação internacional, e a Abitec (Associação Brasileira das Indústrias de Tempo Compartilhado).

O perfil do comprador do tempo compartilhado compreende dois tipos: homens de negócios que viajam com frequência para outras cidades; e pessoas que gostam de ir às grandes cidades, uma ou duas vezes por ano, para assistir espetáculos diversos ou, principalmente, para fazer compras (Martinez, 1989: 27).

Em alguns países, a venda de títulos foi assinalada por uma série de problemas. Isto ocorreu por vários motivos: desconhecimento do conceito de tempo compartilhado tanto por parte do comprador como do vendedor; fraudes de alguns promotores; estratégias de vendas sob pressão a turistas (Espanha e Portugal); e falta de regulamentação específica (Martinez, 1989:41).

O conceito de tempo compartilhado é novo e deve ser visto, antes, como “um investimento para férias futuras”. Em alguns países, os problemas surgiram porque o sistema foi identificado com a compra de um imóvel, quando a ideia é a de uso temporário, não a de investimento em residência. O desconhecimento dos custos foi outra questão que gerou problemas (Martinez, 1989:42-5).

Esta situação na Europa, relatada por Martinez (1989), gerou comentários negativos nos meios de comunicação, principalmente na imprensa, contribuindo para oferecer uma imagem negativa do produto. A situação agravou-se pela inexistência de uma legislação específica na maioria dos países europeus que não garantiam os direitos dos compradores.

A lição europeia não trouxe benefícios para o Brasil. Os mesmos problemas se repetiram e alcançaram os meios de comunicação. Em São Paulo, a estratégia adotada para vendas do tempo compartilhado gerou

uma série de situações desagradáveis chegando ao órgão de defesa do consumidor<sup>4</sup>. Da mesma maneira, o conceito de tempo compartilhado não foi muito bem compreendido e, algumas vezes, o sistema foi apresentado como um empreendimento imobiliário (Ventura, 1994b:G9). Repetiu-se, também no Brasil, o desencanto e a sensação de desconforto pelo desconhecimento dos custos do produto.

Considerando que os problemas enfrentados pelos compradores, tanto no Brasil como no Exterior, foram os mesmos, porque não aceitar as mesmas propostas de soluções? Martinez (1989) aponta as seguintes: códigos de conduta em relação à forma de venda e às possibilidades de rescisão de contrato durante um certo período, sem qualquer ônus para o comprador; campanhas de esclarecimento do produto; e, principalmente, regulamentação específica para o tempo compartilhado.

A Abitec já lançou um *Código de Ética* para regulamentar as operações de mercado e, também, propõe a recompra, caso o cliente não fique satisfeito com o produto.

A presença de capitais e mercados transnacionais, além da possibilidade de intercâmbio entre os empreendimentos associados, mostra o sentido do tempo compartilhado na globalização do turismo. Tal modalidade ligada ao deslocamento de pessoas para fora de seu local de residência, por mais de 24 horas, sem intuito de lucro, assume características compatíveis com o turismo. Por estes motivos insere-se na globalização da economia como um novo produto turístico.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma grande diferença entre o turismo antigo, apoiado no termalismo e circunscrito aos limites do receptivo doméstico, e o turismo moderno, de multivariadas facetas e atividades alternativas, que desconhece barreiras para o seu tão peculiar dinamismo, especialmente nesta fase contemporânea.

Considerando estes aspectos, o turismo pode ser comparado a um animal que nasceu doméstico (turismo antigo), tornou-se selvagem (tal como hoje se apresenta) e necessita, portanto, de um efetivo controle. É a gestão, esse controle que poderá contrabalançar os efeitos e reduzir os riscos desta dimensão mundial que, cada vez mais, o turismo vem assumindo no mundo em que vivemos.

4. A imprensa notificou que, em 1993, a Delegacia do Procon em São Paulo registrou 20 casos de reclamações associados ao tempo compartilhado.

Todavia, o poder dos governantes, detentores do controle e gestão, é limitado, pois ainda que possam ter certa influência em virtude de sua representatividade política, são obrigados, inevitavelmente, a concordar, em certos momentos, com os interesses de certas categorias. Isto significa que os empresários dispõem hoje, mais do que no passado, de força econômica para pressionar os sistemas de governo conforme seus interesses. É a força política e econômica que, em virtude da globalização, extravasa as fronteiras domésticas e passa a ter um significado global.

Tudo isto pode ser explicado, também, pela velocidade do processo de globalização que criou uma certa perplexidade entre agentes e usuários, gerando um certo clima de instabilidade em virtude da acirrada competitividade existente entre eles. Assim sendo, o turismo se torna, cada vez mais, um fenômeno global que leva àquele estado de ansiedade, já referido anteriormente, estreitamente ligado ao progresso da ciência e tecnologia que contribuem, decisivamente, para acelerar a rapidez deste processo de globalização.

## BIBLIOGRAFIA

- A AVIAÇÃO regional opera com sucesso. 1994. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2 abr., p. B6.
- BENI, Mario Carlos. 1994. Competitividade das destinações turísticas a longa distância. Realidades e perspectivas do desenvolvimento na América do Sul. *Turismo em Análise*, São Paulo, v. 5, n. 1, maio, p. 95-108.
- GOULIAS, Mitsi. 1994. TAM investe em novos mercados. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 mar., p. G20.
- LIMA, Rafael Arcanjo. 1994. Conflitos curdos afetam país ao leste. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 mar., p. G8.
- MARTINEZ, Enrique Ortega. 1989. Un nuevo producto turístico. El holiday timeshare. *Estudios Turísticos*, Madrid, n. 104.
- MONTAUDON, Ricardo. 1994. Time sharing, um bom negócio. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 abr., p. G2.
- NAISBITT, John. 1994. *Paradoxo Global*. São Paulo: Campus, p. 115-68.
- O MAPA das guerras. 1994. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 jun., A9.
- PIQUINI, Marco. 1994. Caso Varig revela a crise de outras empresas. *O Estado de São Paulo*, 2 abr., p. B6.
- ROMÁN, Ricardo. 1994a. Maturidade do tempo compartilhado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 maio, p. G2.
- ROMÁN, Ricardo. 1994b. Tempo compartilhado foi uma saída para a crise. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 jun., p. G2.
- VARIG e Transbrasil buscam alternativas. 1994. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 mar. p. G20.
- VENTURA, Marcelo. 1994a. Advogada paulista toma a defesa do filho contra tempo compartilhado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 abr., p. G10.
- VENTURA, Marcelo. 1994b. Dois sistemas que estão dando muito o que falar. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 abr., p. G9.